

CRIANÇAS MARAVILHOSAS: LIMITES E POSSIBILIDADES DE APRENDER-ENSINAR NUM TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Grazielle Eloísa Balduino¹
Myrtes Dias da Cunha²

Resumo

Esta pesquisa foi produzida com as crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, durante o ano de 2013. Essa instituição localiza-se numa região periférica da cidade considerada pela prefeitura e polícia militar um bairro com índice considerável de violência e tráfico de drogas. Na presente investigação buscamos conhecer e compreender ações das crianças, suas brincadeiras, seus sentimentos, suas necessidades e possibilidades no espaço-tempo da escola questionando a posição dessa instituição de que essa turma era fraca e que tinha dificuldades para aprender; os modos de ser e agir dessas crianças informaram-nos sobre as culturas infantis. De que maneira é possível promover encontros entre adultos e crianças, de tal maneira que possamos conhecê-las melhor? Em que medida brincadeiras e atividades infantis promovidas no espaço-tempo escolar constroem e expressam as culturas infantis? Pudemos confirmar que elas são sujeitos de cultura de muitas formas surpreendentes. Construímos junto com as crianças, atividades lúdicas que expressaram um processo de parceria e amizade.

Palavras-chave: Culturas infantis. Lúdico. Ensino-aprendizado.

WONDERFUL CHILDREN: LIMITS AND POSSIBILITIES OF LEARNING TO TEACH IN A THIRD-YEAR BASIC EDUCATION

Abstract

This research was produced with the children of a class of 3rd grade of elementary school to a public school of the city of Uberlândia, Minas Gerais, during the year 2013. This institution is located in a peripheral region of the city considered by the city police and military a neighborhood with considerable levels of violence and drug trafficking. In this research we seek to know and understand children's actions, their banter, their feelings, their needs and possibilities in space-time school questioning the position of the institution that this class was weak and had trouble learning; modes of being and acting of these children told us about children's cultures. That way you can promote encounters between adults and children, so that we may know them better? Where games and children's activities as promoted in the school spacetime construct and express the child cultures? We were able to confirm that they are subjects of culture in many surprising ways. Built together with the children, play activities that expressed a process of partnership and friendship.

Keywords: Children's Cultures. Playful. Teaching and learning.

¹ Mestre em Educação pelo PPGED/FACEDUFU. Graduada e Licenciada em Matemática pela FAMAT/UFU. Professora do ensino fundamental na prefeitura Municipal de Uberlândia-MG. Contato: balduino.grazielle@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora Associada 3, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Contato: myrtesufu@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa foi produzida com as crianças de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, durante o ano de 2013. Essa instituição localiza-se numa região periférica considerada como uma área com índice considerável de violência e tráfico de drogas. Na presente investigação buscamos conhecer e compreender ações das crianças, suas brincadeiras, seus sentimentos, suas necessidades e possibilidades no espaço-tempo da escola questionando a posição da instituição de que a turma em questão era *fraca* e que *as crianças não conseguiam aprender*; a prolongada e intensa convivência com essa turma nos informou sobre as culturas infantis, os modos de ser, de agir e de se relacionar das crianças apresentou-nos significados e sentidos infantis particulares, muitas vezes desconhecidos, desclassificados e desvalorizados por professores e adultos que trabalhavam na escola.

As culturas infantis são produzidas, (re)produzidas e compartilhadas nas relações entre pares e com os adultos na rotina escolar; as crianças são sujeitos de cultura de muitas formas surpreendentes. Como é possível conhecer as crianças no espaço-tempo da escola? De que maneira poderemos promover encontros entre adultos e crianças? Em que medida brincadeiras e atividades infantis promovidas no espaço-tempo escolar constroem e expressam as culturas infantis? Essas indagações foram norteadoras do processo de construção da presente investigação que se apresenta como uma pesquisa qualitativa, que privilegiou o diálogo e uma convivência intensa com crianças como meio de aprender sobre elas com elas mesmas.

Pensar e compreender as culturas infantis que se desenvolvem no espaço-tempo da escola requer aprender sua linguagem, seus modos de brincar, seus fazeres nos entrelugares ou nas brechas da organização escolar. Pensar e entender estes sujeitos que são crianças, é percebê-los como produtores de cultura, pressupõe percebê-los como autores.

Charlot (2000) ao analisar o que é sujeito acaba por contribuir para compreendermos o que são as crianças, sujeitos da presente investigação:

Um ser humano, aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e agora, portador de desejos movidos por esses desejos, em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos; um ser social, que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto de família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais; um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. Esse sujeito: age no e sobre o mundo; encontra a questão do saber como necessidade de aprender e como presença no mundo de objetos, de pessoas e de lugares portadores de saber; se produz ele mesmo, e é produzido, através da educação (CHARLOT, 2000, p. 32, grifos nossos).

Qvortrup (1999) nos mostra que o que há de comum entre as crianças é o fato de que não são adultos. Assim, consideramos que as crianças do 3^a ano do Ensino Fundamental, sujeitos da presente pesquisa, são seres humanos pertencentes a uma comunidade, são seres sociais que vivem e aprendem com os outros e consigo mesmos, ocupam lugares no espaço social, estão abertas ao mundo, são movidos por desejos de

aprender, de serem respeitados, ouvidas, levadas a sério, produzem e (re)produzem violências contra si mesmas e contra os outros; são seres singulares, com suas histórias e sentimentos, aprendem, interpretam e produzem significados e sentidos em relação aos processos vividos; produzem-se e são produzidas nas relações com os outros e também pela educação.

Dois dias depois dessa atividade, retornamos à escola, o horário habitual era das 13hs às 17hs 30min, contudo, neste dia por motivos de saúde, não conseguimos chegar às 13hs, mas às 14hs 30min. Quando entrei na sala, quase todas as crianças correram e me abraçaram forte, mas foram contidas pela professora e obrigadas a voltarem às suas carteiras. A Bela veio nos dizer que as crianças estavam enlouquecidas querendo saber onde nós estávamos e se iríamos voltar; e neste intervalo, aproveitando-se de minha ausência, a professora Bela disse às crianças que eu não voltaria enquanto elas não melhorassem o comportamento.

Esse comportamento da professora Bela nos pareceu duplamente inadequado: primeiro, porque amedrontar as crianças não nos pareceu educativo e segundo, para a pesquisa, para nossa relação com as crianças, buscávamos conhecê-las de forma profunda, e praticar essa associação de recompensas e punições não nos pareceu correto e adequado. Vejam a seguir a Nota de Campo que descreve essa experiência:

NOTA DE CAMPO 09 - O primeiro encontro depois das atividades com os quebra-cabeças e desenhos.

27 DE FEVEREIRO DE 2013 - quarta-feira

[...] fui ao encontro deles e da professora que logo me disse: "*Dei um sabão neles logo no começo da aula. Ficaram perguntando cadê a Tia Grazi, cadê a Tia Grazi, então falei que enquanto eles não se comportarem você não voltaria. Fiquei com vergonha de segunda-feira, eles não se comportaram. Usei essa artimanha para ver se eles ficam mais responsáveis e respeitem o outro*". Eu fiz um gesto nem que sim nem que não para não causar algum desentendimento com a docente.

OBS: A atitude da professora foi uma jogada para obter a atenção, o respeito e a obediência das crianças, isso pode funcionar por alguns minutos, horas ou dias, mas acredito que não funcionará por todo o tempo. As relações de respeito, amizade, atenção, companheirismo são construídas nas relações, no convívio com as crianças. A tirania é inadequada para uma professora, é no diálogo, na democracia que os sentimentos de convivência vão se organizando, criando vínculos e se estabelecendo. Na imposição se pode conseguir algo, mas não é o desejável em termos de satisfação, felicidade, harmonia e amor. A imposição muita das vezes leva a raiva, a introspecção, o silenciamento, a depressão, a tristeza ao desamor e a violência. As crianças me perguntaram por que eu não tinha chegado mais cedo, então eu disse que fui ao médico. Não menti para eles como a professora recomendou, eu posso escutá-la, mas concordar com ela é outra história. (Grifos nossos).

A máxima de Bela era: "Tudo que eu faço é para ajudar!". De acordo com o que vimos na sala, importante mesmo era fazer todos os estudantes copiarem o máximo de exercícios, tirarem notas altas para que a escola pontuasse nas provas de avaliação do ensino e por sua vez melhorasse os lugares do país nos *rankings* internacionais de educação. Isso é um dominó, onde todo o sistema se beneficia se as crianças vão bem, mas se forem

mal, as peças caem juntas. A professora Bela seguia o que era determinado por esse sistema, ela reproduzia ordens, não levando a culpa sozinha de agir dessa forma. É mais complexo do que simplesmente expor um único culpado, se assim fosse, as outras professoras que passaram pela turma Crianças Maravilhosas seriam consideradas melhores que a Bela pelas crianças, todavia, isso não aconteceu.

Nossa tendência em relação ao que prevalece na sociedade em geral e na escola é concordar com Schumacher (1972):

A condição da humanidade se deriva diretamente do "domínio da quantidade", do materialismo, do culto do "produto interno bruto", da aceitação do dinheiro e da aquisição como fins em si mesmos - em outras palavras, do fato de considerarmos a quantidade como fundamental e primordial, enquanto que os aspectos qualitativos da vida não merecem sequer ser levados em consideração" (SCHUMACHER, *apud* ALVES, 1987, p. 31).

Nesse sentido, Alves (1987) também argumenta que:

Na verdade, desde muito cedo somos convencidos de que nossas capacidades intelectuais e o valor pessoal se medem por meio de "notas" que, por sua vez, na vida acadêmica, se transformam em "créditos" palavra retirada do jargão bancário. A vida como um grande banco; as relações humanas como débitos e créditos; qualidade reduzida a um capital depositado (ALVES, 1987, p. 32).

Praticar a qualidade também é agir com verdade. Ao ser questionado pelas crianças sobre o porquê da demora em chegar à escola, eu disse a verdade. As crianças poderiam ter acreditado na professora regente que havia dito que eu não voltaria mais porque elas haviam se comportado mal no dia do trabalho com os desenhos-escritas, mas elas se certificaram, queriam saber se realmente essa era a verdade e acabou nos dizendo mais sobre elas, ou seja, as crianças não acreditavam sempre em tudo que diziam a elas, investigavam. Neste mesmo dia, a professora Bela fez a seguinte avaliação:

NOTA DE CAMPO 09 - O primeiro encontro depois das atividades com os quebra-cabeças e desenhos.

27 DE FEVEREIRO DE 2013 - quarta-feira

Depois na sala de aula, a professora regente veio desabafar suas angústias. Disse que a cada dia descobria mais as tramoias, artimanhas, joguetes dos estudantes para não fazer as atividades, dribla-la de alguma forma. Disse ainda que a todo o momento inventavam estarem com dores tipo: de dente, de cabeça, na perna, no braço, e outras. Por não suportar mais, estava agindo de uma forma mais forte e dura com as crianças. Hoje a professora tem gritado um pouco mais, o número de crianças hoje foi de 18. Tem criança nova na sala, mais uma menina. Se todas elas tivessem vindo, ao todo, seriam 23 estudantes. As crianças estavam fazendo atividades de português, juntar sílabas e separar sílabas.

A preocupação em perceber como as crianças driblavam as imposições escolares, o sistema, para tentar contê-las e puni-las fazia-se presente na rotina da professora Bela; ela acreditava que agiam assim porque queriam atingi-la pessoalmente e/ou prejudicá-la de alguma forma. Bela não conseguia se lembrar de que em geral, nas escolas não havia uma reflexão e discussão sobre o que significa trabalhar com as crianças. Rubem Alves (1987) outra vez demonstra em poucas palavras a inutilidade e a efemeridade da violência:

A resistência pode ser dobrada pela força bruta. "Fale com voz suave e porte um grande porrete." Assim Theodore Roosevelt resumiu a sua sabedoria política. [...]. Chicotes, correntes, prisões, torturas psicológicas e físicas, brutalidade, poder militar, sanções econômicas e sociais - todas estas formas de violência têm sido extensivamente utilizadas para assegurar o poder. [...]. Mas a experiência também nos ensina que quando plantamos vento provavelmente iremos colher tempestades. Se a força bruta a curto prazo tem sucesso no controle dos fracos, a longo prazo é imprevisível. Violência gera ressentimentos e ódio: as sementes da resolta (ALVES, 1987, p. 43).

Com 18 estudantes, a rotina escolar seguia seu curso. Passou a ser um hábito das crianças me abraçarem e me beijarem sempre que eu chegava à sala e também perguntavam se naquele dia teríamos brincadeiras:

*NOTA DE CAMPO 10 - O dia da chuva
28 DE FEVEREIRO DE 2013 - quinta-feira*

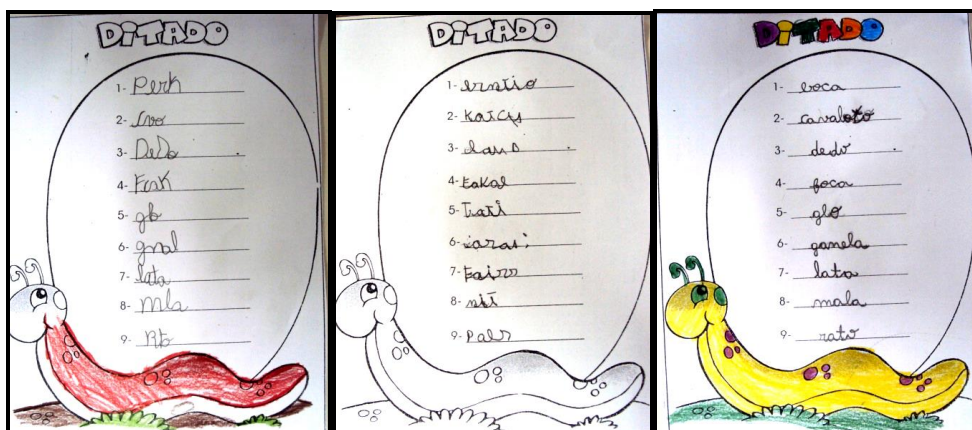
As crianças sempre perguntam se hoje vai ter brincadeiras e não se contentavam em saber que naquele dia não teria atividade do projeto. Gosto muito das crianças, e percebo que a cada dia elas me aceitam mais, me respeitam enquanto pessoa, elas me abraçam, dizem que sentiram saudades. Cada um é muito especial. Hoje uma menina me chamou na carteira e me disse que a assistente social não deixaria mais que ela morasse com a mãe. Disse a ela que ficasse calma, que tudo ficaria bem. Fiquei preocupada com ela, estava bem quieta e com a carinha triste.

Por que essa estudante desabafou sua experiência tão marcante conosco? Fiquei surpresa com a atitude que pode demonstrar a relação de confiança. Estar com as crianças na sala, no recreio, nas ações da pesquisa é possibilitar que essas relações de confiança se estabeleçam. A proposta sempre foi estabelecer vínculos de amizade e confiança e não impor ações.

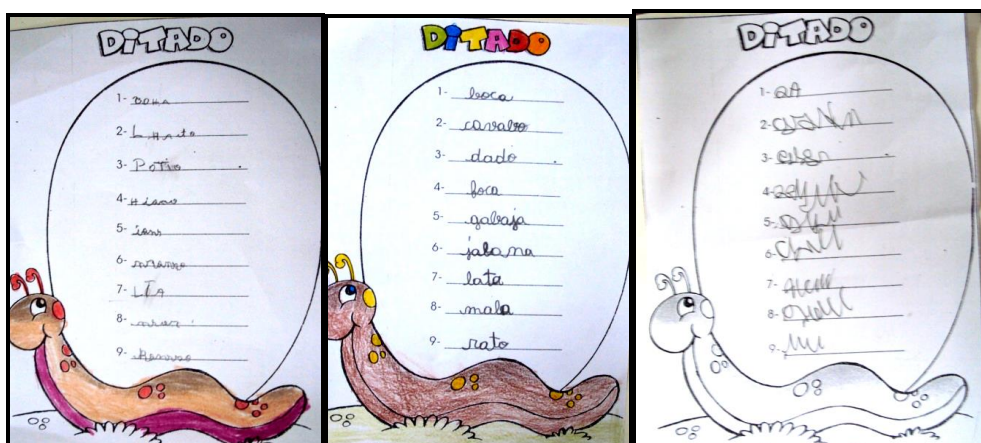
A aprendizagem dos conteúdos da grade curricular, para a grande maioria das crianças do 3º ano, principalmente no início do ano quando as crianças começaram a perceber todo o cotidiano da escola, foi turbulento. Com dificuldades de compreensão das atividades básicas de ler e escrever, como entendê-las e superá-las? O que observávamos na sala de aula e entre muitos profissionais da escola era que as crianças carregavam o fardo de serem as únicas culpadas por não aprender. Em geral, considerava-se que elas que não queriam estudar, não queriam aprender, não aproveitavam as oportunidades, não eram educadas, não sabiam cuidar dos livros por isso não podiam usá-los, não tinham brinquedos novos porque não sabiam cuidar dos brinquedos, eram sujas porque não

gostavam de tomar banho. Implicitamente, e às vezes explicitamente, a culpa era das crianças.

Na sala de aula da turma Crianças Maravilhosas, havia um hábito de tomar leitura e fazer ditado. No início do mês de março, a professora Bela nos comunicou que faria um ditado para descobrir se as crianças estavam sabendo o básico - básico para ela seria palavras simples, com poucas sílabas -. Ela avisou às crianças que naquele dia haveria ditado e completou: "Eu quero ver se vocês estão fazendo o que eu mando. É agora que a porca vai torcer o rabo" (Nota de campo, nº13, 7/03/2013). Abaixo apresentamos imagens de alguns ditados das crianças que tinham que escrever as palavras boca, cavalo, dedo, foca, gelo, canela, lata, mala e rato:



IMAGENS 1, 2 e 3 - Ditados da Maria Letícia, Lílian e Rôse. 07/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



IMAGENS 4, 5 e 6 - Ditados do Luiz, Rosana e Eduardo. 07/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa

Fazer ditado para quê? Por quê? Dentre os seis ditados apresentados apenas a Rôse e a Rosana conseguiram escrever as palavras sugeridas. As crianças não conseguiram escrever o que se ditou com destaque para o Eduardo que produziu garatujas. O que

poderia ser feito pelo aprendizado da escrita e da leitura quando as crianças apresentaram resultados como esses registrados pelo ditado?

Tomar a leitura foi uma das atividades mais se praticou com as crianças do 3º ano. Colocavam uma carteira do lado de fora da sala de aula e as crianças eram chamadas uma a uma para lerem pequenos textos e/ou palavras e/ou sílabas e/ou letras. Dependia do que se pensava que a criança sabia para que fosse determinado o que ela ia ler ou tentar ler. A pessoa encarregada de tomar a leitura variava entre a supervisora pedagógica, a professora eventual, a professora Bela, bolsistas da universidade. Na Nota de campo abaixo, relatamos a experiência da criança ao voltar da tomada de leitura:

*NOTA DE CAMPO 13 - A água chegou
07 DE MARÇO DE 2013 - quinta-feira*

Há uma pibidiana³ nesta sala que estou acompanhando. O trabalho dela tem sido tomar leitura das crianças e dizer para elas o que elas não sabem; reproduzir o sistema. Hoje ela colocou uma carteira fora da sala e chamou cada criança individualmente para testá-las com uma leitura. Depois essa estudante entra na sala de aula dizendo quem está de parabéns e quem não está. Ou seja, mais uma para expor as crianças a partir de diagnósticos questionáveis. Acabei de perguntar uma das crianças sobre o que ela fazia lá fora e elas disseram: "*Ela toma leitura e depois fala que a gente tá quase lendo ou já sabe ler*". Meu Deus, até quando esse sistema vai continuar? Um dos estudantes, antes de participar desse processo de "julgamento" estava agitado como de costume, conversando com os colegas como de costume, com uma expressão de alegria como de costume, mas depois que chegou do julgamento da leitura percebi outro comportamento: calado, tristonho, cabisbaixo. Fui até a sua carteira e disse que estava percebendo-o diferente, um pouco triste. Ele então me respondeu: "*É... a vida é dura tia*". Fiquei sentida com isso: por quê causar sofrimento ao invés de ações motivadoras, criativas, imaginativas? Fiquei tocada, então fui até a professora regente e a pibidiana e disse que não concordava que tomar leitura das crianças fosse uma solução para ajudá-las. Poderiam existir outras formas sem priorizar essa prática de pedir o que as crianças não sabem. Elas (professora regente e pibidiana) disseram que a teoria é uma coisa e a prática é outra, frisando que essas crianças precisavam saber ler (Grifos nossos).

As crianças faziam o que era determinado, ordenado e normalmente não era permitido que fizessem questionamentos. Será que aprender a ler requeria mesmo esse tipo de atividade? Ainda questionamos com a professora Bela sobre a eficácia desse método, entretanto ela nem ouvidos nos deu. A alegria dos estudantes nos dias de atividades conosco, em grande parte podia ser justificado pela mesmice que a sala de aula apresentava as crianças.

A terceira atividade com as crianças em 04/03/2013, apresentamos a elas uma pequena montagem com imagens e fatos⁴ das ações passadas. As reações delas com a montagem foram emocionantes, ver-se na tela, rever o que fizeram lembrar aqueles momentos misturaram-se com vergonhas, alegrias, espantos e risadas, numa grande necessidade de comentar com o outro as cenas que viam compartilhar de alguma forma as sensações e emoções sentidas naquele instante, perceber o que não haviam visto anteriormente entre outros comportamentos e sentimentos.

³ Estudante do curso de Pedagogia da FAGED/UFU e bolsista do programa PIBID.

⁴ Essa montagem teve duração de 3 minutos.

Ao pensar na terceira atividade, refletimos sobre a anterior, o que havia dado certo e errado, o que faltou, o que precisava ser retirado, diminuído ou acrescentado. Observamos que a maioria das crianças não desenhou o proposto, mas desenhou o que faziam o dia todo, outras desenharam coisas do cotidiano como uma casa, um carro. De certa maneira as crianças tinham razão, como separar o dia em manhã, tarde e noite, talvez essa divisão temporal não fizesse sentido para elas, prevalecendo o dia como um todo, o que fazemos de manhã pode só fazer sentido se complementarmos a tarde e finalizarmos com a noite.

Com isso, antes de pensarmos a terceira teimosia, refletimos todas essas questões e ações e fizemos algumas perguntas simples, mas que nortearam todas as atividades com as crianças no âmbito da pesquisa: qual é o objetivo dessa pesquisa? O que queremos saber das crianças? O que pretendíamos obter com cada atividade realizada? E assim, chegamos a algumas conclusões: queríamos saber onde o brincar e o brinquedo principalmente os brinquedos tecnológicos apareciam no cotidiano das crianças, para que pudéssemos compreender as relações dos brinquedos e principalmente dos tecnológicos com o aprendizado; enfatizaríamos as ações das crianças, o que elas sabiam fazer, falar um pouco mais sobre o que mais gostavam de fazer no dia a dia para que as brincadeiras e os brinquedos pudessem aparecer nas suas experiências; tentaríamos fazer as atividades em que as crianças pudessem se enxergar em outros ângulos, se verem fazendo e que pudessem falar sobre suas experiências e de si mesmas. Segue abaixo o planejamento apresentado à professora Bela do terceiro dia de ações com as crianças:

TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO

3ª Atividade com as crianças: As crianças se vendo fazendo, imaginando, cantando, sendo. 04/03/2013 segunda-feira

OBJETIVO: Expor os desenhos na sala; conversar com as crianças sobre o que elas fazem durante todo o dia; apresentar um vídeo com as fotos das crianças, imagens da produção de segunda-feira passada; utilizar outro ambiente para conversarmos sobre o que fazem, gostam ou não de fazer durante todo o dia.

JUSTIFICATIVA: As crianças gostam de se ver fazendo, e mostrar as produções, os desenhos, conversar sobre tudo o que aconteceu na semana passada e sobre elas, seu dia-a-dia, a rotina é uma forma de continuarmos as nossas tentativas de conhecer as crianças.

AÇÃO:

1º Momento: chegar à sala mais cedo, organizar as cadeiras para que fique de frente ao Datashow, preparar a filmadora e a câmera, expor os trabalhos das crianças nas paredes da sala.

2º Momento: receber as crianças na sala; fazer uma atividade que possa trazer boas energias para iniciar ações com as crianças.

3º Momento: pedir que sentem nas cadeiras e explicar sobre o que vamos fazer naquela ação e dar início.

4º Momento: Entregar uma cópia da música EU do CD PALAVRA CANTADA e colocar a música pedindo às crianças que tentem acompanhar a letra.

4º Momento: Perguntar as crianças se elas tem mais alguma coisa para dizer sobre os desenhos que elas fizeram.

5º Momento: Ir com as crianças para o Quiosque para conversarmos mais um pouco sobre suas ações durante o todo o dia, o que fazem? O que gostam de fazer? O que não gostam? Como brincam? Do quê? Quais os brinquedos elas tem? (Anexo da Nota de Campo, 04/03/2013).

De maneira geral, começamos as ações com as crianças fazendo um mural com os desenhos-escritos para que elas as vissem nos trabalhos; apresentamos o vídeo com a montagem; entregamos uma cópia da música *Eu do CD Palavra Cantada*, para que as crianças pudessem perceber melhor o que é pensar sobre si e sobre a história de vida, colocamos o vídeo *clip* da música e fomos cantando e acompanhando a letra. Depois, convidamos as crianças a verem de perto os desenhos, elas comentaram entre si sobre os desenhos e então fomos para o quiosque da escola, brincamos de o mestre pediu e depois sentamos em roda e cada um contou um pouco mais sobre a rotina e o que gostavam de fazer. Despedimo-nos e voltamos para sala de aula. Toda essa atividade durou 60 minutos aproximadamente.

A alegria das crianças ao ver as suas produções, as imagens e o vídeo confortava-nos do desgaste pela instabilidade do trabalho nessa escola. Encontrávamos dificuldades em usar o datashow, o vídeo e a extensão no tempo e hora pré-estabelecidos. Cada dia era um dia. O trabalho com as crianças acontecia, muitas vezes entre bastidores conflituosos e relatar esses detalhes dos bastidores contribui para um maior esclarecimento sobre os desafios e as possibilidades da presente pesquisa. Na Nota de campo produzida em relação à terceira atividade proposta por nós com as crianças, registramos sobre essas instabilidades na escola:

*NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças
04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira*

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola às 12h35min e já fui para sala montar o data show, organizar as cadeiras, pendurar os desenhos das crianças e testar o som. Ao montar o datashow percebi que a tomada não entrava nas tomadas da sala, fui à procura do nosso colaborador, professor de artes, e ele prontamente me indicou a funcionária da escola que cuida da biblioteca para que pudesse me emprestar um adaptador. Acompanhei a funcionária e por sorte a escola tinha um adaptador para nos fornecer, então voltei para sala para terminar de arrumar o espaço e tive que me apressar para finalizar antes das crianças chegarem. Percebi que a imagem do datashow estava pequena quando projetada, então, novamente precisei da ajuda do professor de artes, a solução era afastar o datashow, assim a imagem aumentaria. Assim que toda a parte eletrônica estava pronta, faltando poucos segundos para as crianças chegarem, peguei os trabalhos das crianças e afixei no quadro negro na lateral da sala.

OBS: Não queria pregar no quadro os trabalhos das crianças, queria que ficasse mais baixo ao alcance dos olhos e das mãos delas, mas como tudo foi tão atrapalhado, tantos problemas a serem solucionados e o tempo curto demais, não tive escolha, coloquei no quadro negro. De uma próxima vez, vou chegar ainda mais cedo, às 12h00min e tentar pensar nos possíveis problemas que poderiam acontecer.

A reação das crianças quando entraram na sala de aula e viram ali o datashow, os seus desenhos-escritas pregados no quadro, as carteiras afastadas e apenas as cadeiras em meio círculo de frente para a projeção do datashow foi de espanto, alegria e emoção. Abraçavam-me e queriam saber o que faríamos naquele começo de tarde. É preciso lembrar que no primeiro, segundo e nesta terceira atividade proposta por nós com as crianças, não havia ainda as bolsistas do grupo GEPECPOP para auxiliar-nos nos registros das imagens, coordenávamos as atividades e registrávamos os acontecimentos por meio de fotografias e filmagens; algumas vezes a professora Bela se ofereceu para ajudar-nos com os registros e aceitamos prontamente. Fomos aprendendo ao longo das ações com as crianças que para desenvolver atividades com elas é preciso ajuda de pelo menos outra pessoa. Mas nesta altura do trabalho, estávamos aprendendo ainda as melhores maneiras de construir com elas e ao mesmo tempo registrar as atividades realizadas. Abaixo apresentamos uma fotografia das crianças quando viram suas produções e o vídeo sobre elas:



FOTOGRAFIA 1 - Crianças da turma Crianças Maravilhosas assistindo ao vídeo sobre elas. 04/03/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.

*NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças
04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira*

Quando as crianças chegaram ficaram surpresas com a disposição das carteiras (coloquei só as cadeiras das carteiras voltadas para o datashow em meio círculo), primeiro pendurei os desenhos-escritas que haviam produzidos no quadro de giz e quase todas as crianças foram ver os desenhos e depois se sentaram nas cadeiras.

OBS: As crianças ficaram surpresas quando chegaram à sala, com os olhos arregalados, tentava entender o que aconteceria ali, qual seria a ação.

Perguntei a elas o que nós veríamos, e quase todas responderam que eram as imagens e as filmagens que fizemos na segunda-feira passada. Então eu não disse nem que sim nem que não, falei com eles que nós descobriríamos naquele instante sobre o que tratava o vídeo.

Quando o vídeo começou a passar, as carinhas das crianças me deixaram emocionada. Ficaram felizes, envergonhadas, risonhas, sérias, gostavam de se ver e também de verem os outros. Elas riram muito, se divertiram, se expressaram. Muitas ficaram com vergonha, mas houve quem não se envergonhasse.

Depois da exibição do vídeo, das reações, das emoções ao se verem num outro ângulo, de outra maneira, entregamos uma cópia da música *Eu*, de Paulo Tatit do CD *Canções Curiosas*⁵, para cada criança e apresentamos o videoclipe para seguirem com a

⁵ **(Música EU - CD Palavra Cantada)**

Perguntei pra minha mãe: "Mãe, onde é que ocê nasceu?"

Ela então me respondeu que nasceu em Curitiba

Mas que sua mãe que é minha avó

Era filha de um gaúcho que gostava de churrasco

E andava de bombacha e trabalhava no rancho

E um dia bem cedinho foi caçar atrás do morro

Quando ouviu alguém gritando: "Socorro, socorro!"

Era uma voz de mulher

Então o meu bisavô, um gaúcho destemido

Foi correndo, galopando, imaginando o inimigo

E chegando no ranchinho, já entrou de supetão

Derrubando tudo em volta, com o seu facão na mão

Para o alívio da donzela, que apontava estupefata,

Para o saco de batata, onde havia uma barata

E ele então se apaixonou

E marcaram casamento com churrasco e chimarrão

E tiveram seus três filhos, minha avó e seus irmãos

E eu fico imaginando, fico mesmo intrigado

Se não fosse uma barata ninguém teria gritado

Meu bisavô nada ouviria e seguiria na caçada

Eu não teria bisavô, bisavó, avó, avó, pai, mãe, não teria nada

Nem sequer existiria

Perguntei para o meu pai: "Pai, onde é que ocê nasceu?"

Ele então me respondeu que nasceu lá em Recife

Mas seu pai que é o meu avô

Era filho de um baiano que viajava no sertão

E vendia coisas como roupa, panela e sabão

E que um dia foi caçado pelo bando do Lampião

Que achava que ele era da polícia um espião

E se fez a confusão

E amarraram ele num pau pra matar depois do almoço

E ele então desesperado gritava: "Socorro!"

E uma moça apareceu bem no último instante

E gritou pra aquele bando: "Esse rapaz é comerciante!"

E com muita habilidade ela desfez a confusão

E ele então deu-lhe um presente, um vestido de algodão

E ela então se apaixonou

Se aquela moça esperta não tivesse ali passado

Ou se não se apaixonasse por aquele condenado

Eu não teria bisavô, nem bisavó, nem avó, nem avó, nem pai pra casar com a minha mãe

Então eu não contaria essa história familiar

Pois eu nem existiria pra poder cantar

Nem pra tocar violão.

canção. A maioria das crianças não se interessou pela folha impressa, até porque muitas ainda não sabiam ler, já o videoclipe foi muito bem aceito pelas crianças. Riram, ficaram espantadas, comentavam uns com os outros sobre as imagens do clip. Percebendo que as crianças não acompanharão a música pelo papel, coloquei novamente a canção sem o vídeo e começamos a cantar junto com a música e convidamos as crianças para também cantarem. A dificuldade delas em ler e compreender o que estava escrito foi o que mais as impediu de seguir a canção com a letra impressa.

*NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças
04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira*

Depois das fotos, foi um clipe de uma música do CD PALAVRA CANTADA, Música: EU. Conta a história de como o violeiro e cantor nasceu. Quem eram seus avós, os pais até chegar ao nascimento do cantor. Este vídeo retomou a ideia da introspecção, do eu, de onde vim quem é minha família. As crianças gostaram, houve em todas as ações um problema que não foi dos maiores. As caixas de som que levei não ficaram adequadas ao ambiente. O som ficou baixo e as crianças reclamaram muito de não estarem escutando as falas, a música, com razão. Foi um ponto para pensarmos e providenciarmos uma boa caixa de som para resolver este problema de áudio. Entreguei para todas as crianças uma folha com a letra da música EU, coloquei a apenas a música e fui lendo e cantando com eles. A letra foi uma tentativa das crianças poderem acompanhar a melodia. Em seguida, foram à filmagem das crianças explicando os seus desenhos.

OBS: As crianças ficaram com os olhos arregalados quando viram elas e os seus colegas nas imagens. Risos, comentários sobre os movimentos da cena, comportamentos de envergonhamento pela exposição. Algumas crianças tentaram se esconder, abaixaram a cabeça, outras ficaram sérias, outras sorriram muito, mas não houve quem não tivesse gostado de ser mostrada no vídeo. A alegria nos olhos, nas atitudes delas com o vídeo foi uma demonstração de que estávamos no caminho...

Depois do vídeo, perguntei as crianças o que mais havia na sala de aula além dos equipamentos de áudio e vídeo. Elas então disseram sobre os desenhos dependurados no quadro de giz. Pedi então que fossem até lá olhar os desenhos, e perguntei: "Vocês desenharam tudo o que queriam desenhar?". Algumas responderam que sim, mas muitos manifestaram a vontade de redesenhar, fazer de outro jeito e até tentaram arrancar os desenhos alegando estarem feios, então pedi a elas que deixassem suas criações e que numa outra oportunidade elas poderiam refazê-los. As crianças concordaram e então fomos para o quiosque.

Ver-se no vídeo e ver a própria produção e a dos colegas expostas na sala de aula foram grandes emoções vividas por todos nós. O grau de importância que as crianças estabeleceram com a canção *Eu* só foi percebido dias depois, numa outra atividade proposta por nós com os estudantes, na qual será devidamente apresentada mais à frente. A ideia de expor os desenhos-escritas fez diferença neste dia. Algumas queriam rasgá-los,

diziam que estavam feios quando comparavam com outros desenhos, mas outras ficavam impressionadas com os seus próprios trabalhos e dos colegas.

As crianças se tocavam quase o tempo todo com tapas, empurrões e com palavras ofensivas; reuni-las em frente ao mural dos desenhos-escritas foi extenuante, algumas crianças queriam sentar-se nas carteiras, outras começaram a sair da sala, outras sentaram nas cadeiras, a dispersão foi grande. Depois dessa ação começamos a perceber que as ações com as crianças deveriam durar no máximo 50 minutos, porque as crianças se cansavam e dispersavam rapidamente.

Convidamos as crianças para irmos até o quiosque conversar sobre o que cada um gostava de fazer. No caminho entre a sala e o quiosque, sendo esta a primeira vez que levávamos as crianças para esse espaço, todos ficaram muito agitados, gritaram pelos corredores da escola e empurravam os colegas. Percebemos que esse deslocamento criou uma grande confusão. Ao chegar ao quiosque, propusemos as crianças que fizéssemos um círculo, mas até isso foi difícil pela dispersão das crianças, houve muitos conflitos entre as crianças, entre as crianças e a professora Bela.

Assim que chegamos ao quiosque, perguntei as crianças se conheciam a brincadeira "O mestre mandou" e todas responderam que sim, então perguntei se poderíamos brincar e ao invés de chamarmos a mesma de o mestre mandou poderíamos dizer *o mestre pediu?* Elas concordaram e começamos a brincar e durante a brincadeira pedi que se deitassem no chão, depois fizemos um trenzinho e andamos e corremos em círculos. Por todos esses momentos, elas se dispersaram, agrediam-se, ou seja, não foi tranquilo. Não queremos dizer que ficar tranquilo é melhor ou o mais certo, entretanto, a violência verbal e corporal entre as crianças nesses primeiros momentos de atividades era intensa e acabava atrapalhando a sequência das ações:

*NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças
04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira*

Percebi que algumas crianças logo já queriam se sentar nas carteiras, se dispersando do resto do grupo que estava vendo os desenhos. Então pedi a elas que se juntassem com o restante do grupo para irmos ao quiosque (é um lugar na escola bem fresco perto do pátio central) para conversarmos sobre os desenhos e fazer uma brincadeira. Formaram a fila e fomos. No caminho fui fazendo uma brincadeira de andar agachadinho e falando bem baixinho. Quase todos entraram na brincadeira até chegar ao quiosque. Propus então brincarmos de o "Mestre pediu", expliquei que o nome mais conhecido era o "Mestre mandou", mas que neste caso o mestre não mandava nada, o mestre pedia! Todos, cada um da sua maneira brincaram e interagiram. Fiz movimentos de dormir e deitar no chão, pedi que pulassem o mais alto que puderem, pedi que gritassem o mais alto, fiz um trenzinho que andava rápido e devagar e para finalizar uma roda onde todos se sentaram. Peguei dois cobertores e coloquei no chão para todos sentarem em cima. Ficamos bem juntinhos e então fui perguntando a cada um o que gostavam de brincar em casa. Todos falaram uns mais, outros menos, mas todos participaram da conversa. Assim, finalizei aquela ação, porém não fui embora, continuei na sala até o final, às 17h30min. Essa ação iniciou às 13h00min e terminou às 14h35min. Quando cheguei à sala, cogitei com a professora em brindar com as

crianças aquela ação com pirulitos, ela então me sugeriu que entregasse na hora de ir para o recreio. Não disse as crianças porque estava dando pirulitos, foi um erro que pretendia corrigir nesta próxima ação de segunda-feira.

OBS: Cada vez mais tenho observado que as crianças tem tentado se mostrar mais, falar sobre elas, do que gostam e o que não gostam. A convivência tem criado uma cumplicidade, amizade, afetividade, carinho, respeito entre mim e as crianças.

As fotografias 2 e 3 que seguem abaixo são dos primeiros momentos da atividade no quiosque:



FOTOGRAFIA 2 - Crianças e pesquisadora no quiosque conversando sobre a brincadeira o mestre pediu. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 3 - Crianças e pesquisadora fazendo trenzinho na brincadeira o *mestre pediu*. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Durante o tempo em que realizamos essa terceira atividade, com duração de 60 minutos, a professora Bela interrompia nossa conversa com as crianças para chamar-lhes a atenção por causa de seus comportamentos e/ou conversas. Leal (1996) interpreta esse comportamento da escola, da professora Bela, como sendo um civismo:

Sintetizando: a escola é cívica. Cívica é a história, a geografia, a organização social e política, a moral é cívica - tudo é cívico. A professora é cívica. O cabeçalho é cívico. Os torneios esportivos são cívicos. Finalmente, a escola tem uma representação de alunos - o Centro Cívico. A escola, não nos iludamos, é um instrumento de propaganda e perpetuação do Estado. A escola não pertence à nação nem ao povo. Ela é um instrumento do aparato burocrático-cívico-militar - uma das formas de dominação que pairam sobre o povo através do Estado. Quando se fala em educar pela cultura, fala-se em educar pelo que o povo produz. Ora, entender educação popular é entender educação pela cultura - educação pela prática popular (LEAL, 1996, p. 72).

Motivos que poderiam também ser apontados como possíveis causas da violência corporal, agressões física e verbal das crianças seriam: o currículo escolar que não era adequado às necessidades das crianças; a falta de estrutura física adequada às crianças para brincar; necessidade de espaços arborizados para climatizar o ambiente. Ao longo da pesquisa, fomos percebendo como nós mudamos nossos olhares das crianças, como as crianças foram aprendendo. Após realizarmos as brincadeiras no quiosque, convidamos as crianças para sentarem-se no chão e conversamos por alguns minutos sobre os desenhos-escritos e sobre o brincar e as brincadeiras que elas brincavam. Abaixo apresentamos as respostas das crianças:

QUADRO 1 - Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas. 04/03/2013

NOME	RESPOSTAS DAS CRIANÇAS
Luiza	"Eu gosto de brincar de <i>laptop</i> , no meu computador onde eu mexo no meu <i>facebook</i> , com o meu cachorrinho e andar de bicicleta".
Larissa	"Eu gosto de brincar de casinha, boneca. Eu gosto de brincar de pique esconde e pique-pega".
Maria Letícia	"Eu gosto de brincar de pular corda, de bicicleta, de computador e também gosto de brincar com meu cachorro. No meu computador eu mexo no <i>facebook</i> , jogo no meu <i>facebook</i> ".
Isadora	"Eu gosto de brincar de bicicleta e de pique-pega".
Isabela	"Eu gosto de brincar de patins, bicicleta, pique esconde, de casinha, brinco com meu <i>tablet</i> e com meu computador" (Estudante nova na turma).
Eduardo	"Eu gosto de brincar de bicicleta, soltar pipa mas só quando tem outro menino e também gosto de jogar futebol".
Maria	"Eu gosto de brincar de andar de bicicleta, brincar de casinha e pular corda. Eu gosto de jogar jogos no computador da minha irmã e brincar

	de escolinha com minha irmã" (Estudante nova na turma).
Lilian	"Eu gosto de brincar de patins".
Jéssica	Não quis falar.
Alex	"Eu brinco de pipa, futebol, videogame, bicicleta, carrinho de controle remoto".
Francisco	"Eu gosto de soltar pipa, jogar futebol e jogar jogos no computador".
Fábio	Faltou no dia.
Luiz	"Eu gosto de soltar pipa, jogar futebol, jogar basquete e jogar joguinho no celular do meu irmão".
Marcos	Não quis falar.
Iasmim	Não quis falar.
Rosana	"Eu gosto de brincar de pique esconde, de bicicleta e pular corda".
Elen	"Eu brinco de <i>laptop</i> e de boneca. No <i>laptop</i> eu brinco de fazer continha, de aviãozinho".
Jorge	"Eu brinco de videogame e futebol".
Rôse	"Eu gosto de brincar de bola, de boneca, de corda e de relógio".
Fabiola	"Eu gosto de brincar de nadar na piscina, de pular corda, de andar de bicicleta".

Fonte: Acervo da pesquisa

Nos relatos das crianças, o brincar com brinquedos tecnológicos apareceu em 9 das 16 respostas apresentadas. Esse número representa 56, 25% da turma Crianças Maravilhosas, ou seja, mais da metade dos estudantes brincavam com algum tipo de brinquedo tecnológico. No quadro 1, crianças como a Elen, Luiz, Francisco, Alex, Eduardo, Maria Letícia e a Luiza disseram com detalhes sobre as brincadeiras que brincavam. Já outras crianças como a Iasmim, o Marcos e a Jéssica, desta vez, não quiseram dizer nada sobre o que gostavam de brincar, e suas vontades foram respeitadas. A seguir, a fotografia das crianças conversando comigo:



FOTOGRAFIA 4 - Crianças e pesquisadora iniciando a conversa no quiosque sobre os desenhos-escritos, o brincar e as brincadeiras das crianças. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Na fotografia 4, a estratégia foi permanecer calada até que as crianças percebessem que naquele momento, o silêncio seria a melhor maneira de começarmos a conversar. Mas não foi o suficiente, muitas ainda continuaram a conversar, outras se violentavam e/ou brincavam de lutinha. Então resolvi levantar as mãos e esperar, o que fez mais efeito, muitas crianças já começaram a perceber que precisavam ficar em silêncio, porém outras continuavam a não querer perceber a minha ação, até que a professora Bela interveio e todos ficaram quietos.

Paulo Freire (2011) afirma que os homens são seres da práxis, seres do "quefazer", emergem como homens no mundo, ao contrário dos animais que nele imergem. Sobre a práxis, Freire (2011) nos ensina que:

Se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não poder reduzir-se ao verbalismo, nem ao ativismo (FREIRE, 2011, p.167 e 168).

Paulo Freire (2011) no confirma que não há teoria sem prática não há práxis reflexiva sem teoria. Planejar é diferente do realizar o trabalho na escola e, por assim ser, estando na instituição de ensino, fomos incorporando na pesquisa muitas mudanças que não havíamos planejado. Compreendemos tais modificações como positivas, comprovando ainda mais que uma pesquisa é viva e que a práxis é transformadora.

Durante a conversa com as crianças, um papo livre, falava quem queria falar, as risadas corriam soltas, as crianças entravam na frente da filmadora para fazer caretas, deitavam no pano que forrei e/ou deitavam nos muros do quiosque e/ou no chão. A todo tempo, elas estavam em movimento e eu tentando conversar com elas e filmar. Assim que todas que queriam dizer algo sobre seus brincares falaram, encerrei as ações e entreguei um pirulito, entretanto não disse as crianças o porquê de estar entregando. Ações sem reflexões e explicações, acabam muitas vezes não construindo conhecimentos. Por outro lado, por que as crianças não perguntaram por que estavam ganhando pirulitos? Pensar sobre isso foi um ponto relevante que ao longo das próximas atividades com as crianças foi sendo corrigido.

Durante o ano letivo de 2013, pudemos verificar que atividades lúdicas, caracterizadas por jogos e brincadeiras individuais e coletivas, fundadas na parceria e amizade são dinâmicas importantes que nos permitiram aproximar das crianças e confirmá-las como sujeitos capazes de aprender, de imaginar e de criar e nós adultos como sujeitos capazes de aprender com elas; também verificamos que o espaço-tempo da escola, principalmente as aulas, descaracterizam as crianças como sujeitos de aprendizados, pois na relação entre professores e crianças predomina o mando dos adultos sobre as crianças, a organização do trabalho escolar em torno de um currículo previamente formatado, empobrecido, desinteressante e sem significado para as crianças. O recreio se mostrou o espaço-tempo mais rico da produção infantil; a ausência da professora regente também se mostrou como espaço-tempo mais apropriado para que as crianças se sentissem livres para agirem guiadas por seus interesses e por suas imaginações, alimentos para o aprendizado de conteúdos, jeitos de ser, de sentir e de se relacionar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Campinas: Papirus, 1987.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. Edição 1. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Edição 50. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LEAL, Antonio. *Fala Maria Favela: Uma experiência criativa em alfabetização*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

QVORTRUP, Jens. *A infância na Europa: Novo campo de pesquisa social*. Centro de Documentação e Informação sobre a criança, Universidade do Minho, 1999. Disponível em: < http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm >. Acesso em: 27 de Agosto de 2013.